



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

SER OU NÃO SER POLÍTICA

A recente mesa redonda entre representantes dos três partidos ou, mais propriamente, entre os três candidatos à Presidência da Junta do CDS, PS e CDU, promovida pela Cooperativa Cultural de Fão, foi tomada por várias pessoas como uma realização de cariz político. E, por mor disso, o actual Presidente da Junta não compareceu.

Não nos parece fundamentado tal juízo crítico. Se assim fosse, todas as mesas redondas realizadas pelas várias estações televisivas, com a presença de representantes dos vários partidos, visariam um fim político.

Vamos, antes de mais, definir a palavra política. Escrevia Litré em 1870: «Política é a ciência da governação dos Estados. Em 1962 afirmava Robert: «Política é a arte e prática da governação das sociedades humanas». Dizemos nós: «Po-

lítica é a arte com se procura governar os povos com justiça e proporcionar-lhes o melhor bem estar possível. Mas que povos? Tanto podem ser os que pertencem a um concelho, como a um país, como a uma comunidade de nações. Isso equivale a falar de política regional, de política nacional ou de política internacional respectivamente.

Os políticos no afã de impôr o seu sistema não usam por vezes da maior lisura e, por isso, crêmos nós, a evolução semântica desta palavra atribui-lhe em certos casos uma conotação não muito lisonjeira e muitas vezes pejorativa. Isto apercebe-se bem quando por vezes se diz: «Meteu a política no meio e estragou tudo». O que se pretende afirmar é que se coloca o partido no caso e isso, através dessa intrusão, vai-lhe trazer benesses e provocar prejuízos nos restantes, quando não acontece o contrário.

Já se sabe que falar de política implica falar igualmente de partidos pois estes são conjuntos de indivíduos que possuem a mesma concepção política, isto é, possuem a mesma percepção dos fenómenos e, portanto, preceituam o mesmo leque de medidas para a resolução dos problemas.

A diversidade de resoluções radica na circunstância dos indivíduos possuírem idiosincrasia, sensibilidade, inteligência e cultura diferentes. Daí as várias soluções, as diferentes medidas, em suma, daí os diferentes partidos.

Uma das preocupações dos responsáveis partidários é tentar alargar a sua doutrina ao maior número de «fieis» e ao mesmo tempo reduzir a extensão dos partidos concorrentes. Isso é fazer política? Parece-nos que sim. Foi isso o que pretenderam os responsáveis «cooperativos?» Não nos parece. A Cooperativa possui um número x de associados, parece-nos que 84, e, tanto quanto sabemos, meteu gente de todos os quadrantes políticos. Por sua vez, a Direcção é diversificada em termos de ideologia. Seria um abuso e uma falta de inteligência prepararem qualquer ideia enquanto director da cooperativa. É nossa convicção que os directores limitaram-se a realizar um acto cultural (é essa uma das suas funções) e foi a inteligência, o poder de convencimento, o conhecimento dos processos, a boa dialéctica dos vários representantes partidários quem se sobressaiu e que fez porventura alargar o leque dos seus partidários.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

FRANCISCO FERNANDES GAIFÉM

Com a inserção deste perfil cremos que esgotámos todos os nomes dos fangueiros que mais se destacaram em Fão nos fins do século passado e princípios deste.

Sabíamos que o perfil de hoje tinha sido uma figura grada em Fão sobretudo pela sua prestabilidade a bem da sua terra. Concretamente, desconhecíamos quaisquer funções exercidas na terra fangueira. Qual o seu contributo. Mais uma vez o nosso prestável colaborador Carlos Mariz veio em nosso auxílio, deixando-nos em cima da mesa um contributo precioso.

Francisco Fernandes Gaifém foi dono de uma estância de madeiras em Fão que vendia para zonas variadas de Portugal e de Espanha. Essa função foi um tanto exercida em sistema vertical pois possuía navios nos quais era transportada a madeira que vendia. Foi também armador.

Nasceu em 7 de Junho de 1832 vindo a falecer em 28/8/1908.

Trabalhou na Junta da Paróquia como tesoureiro desde Março de 1871 a 1874. Esta escolha deve-se ao facto de ser homem de grandes teres e bastante considerado no meio. Impunha-se sobretudo como uma pessoa muito séria. Em 1896/9 foi vogal da Junta. foi fiscal do cemitério em 1879.

Exerceu as funções de regedor desde 1881 a 1884 e ainda em 1890.

Nessa qualidade assistia obrigatoriamente às reuniões da Junta onde tinha voto consultivo, salvo quando se discutia o orçamento pois, aí, a sua opinião contava como as demais. Nas funções da regedoria era assessorado ou tinha ao seu serviço dois cabos de polícia e um escrivão que podia ser e foi durante algum tempo o escrivão da paróquia.

Em questões de pinheiros era considerado um «expert».

Em 14/10/1888 foi nomeado pela Junta, juntamente com o Prior de Fão, o P.e Manuel Vilachá Pinheiro, Dr. Augusto Moreira Pinto, António Vilachá dos Reis, Valentim Félix de Magalhães e António Carlos Gonçalves para a comissão encarregada de abrir um caminho vicinal para o mar. A estrada para a ponte ficou ligada ao interior de Fão e das Rodas por duas rampas cuja iniciativa se ficou devendo a esta comissão.

EM 21/12/1897 é convocado com diversas pessoas consideradas «como os mais possantes e graduados desta freguesia» para resolver o problema do alargamento do cemitério. Com data de 28/11/1880 é nomeado vogal com Francisco Soares de Estansláu, da «Comissão de Imposto de Renda». Faz ainda

parte da Comissão que de 1887 a 1893 construiu a Alameda do Bom Jesus. No biénio 1900/2 foi Juiz de Irmandade do Bom Jesus. Em 3 de Janeiro de 1892 faz a oferta de dois grandes espelhos para a sacristia do templo da Alameda. Para a mesma sacristia, juntamente com Valentim Félix de Magalhães, manda encanar uma bica de água, em 1893, através de uma ligação ao encanamento que vinha de Arroeteia. Foi ainda da sua iniciativa, juntamente com José Cândido da Silva Ramalho e Manuel da Silva Viana a compra de 6 opas com borlas bordadas a ouro que custaram 70.290 reis, verba que arrecadaram em peditórios.

Enfim, uma vida ao serviço de Fão, apesar das muitas ausências devidos aos seus negócios.



Aos nossos colaboradores, assinantes e anunciantes desejamos Boas-festas. Sobre tudo saúde.

MORREU ARTUR SOBRAL

Aquilo que se vinha esperando, mais dias, menos dia, aconteceu em 2 de Novembro: Artur Sobral desapareceu do número dos vivos.

Morreu um grande amigo de Fão e consequentemente um dos grandes beneméritos da terra.

Artur Sobral emigrou cedo para terras de Santa Cruz e cedo se alcançou a uma posição de relevo. Não tinha, porém, da vida um sentido egóista. A sua terra, os seus habitantes e nomeadamente os seus pobres estiveram sempre no centro das suas preocupações. Logo que os pôde socorrer, não os esqueceu jamais.

Rigorosamente foi todo o Fão que viveu sempre na mente de Artur Sobral. No tempo em que havia pobres, Artur Sobral distribuía por eles a ceia de Natal. Era um «folar» natalício. Numa altura em que mais se fez sentir a falta de casas, comprou «Mancas» o terreno atrás do Hospital e ofereceu-o ao Governo para que este ali erigisse um bairro de casas que ainda lá se encontra.



Artur Sobral viveu intensamente os problemas do Hospital. Ei-lo com um grupo de amigos, depois de ser efectuada uma operação com sucesso naquela casa de saúde.

No tempo do Costa Leme, ele, Joaquim Mariz e Avelino Carneiro a cotizaram-se para trazerem a água até Fão. Como surgiram complicações, ofereceu a sua contribuição aos Bombeiros. O Bom Jesus, a Cantina, o Hospital, o Futebol foram grandemente protegidos pela sua cobertura protectora, mas de uma forma grandiosa.

Não se limitava a dar a sua contribuição pessoal. Incomodava amigos e conhecidos para o bem da sua terra. Podemos dizer sem reboço que a partir de uma certa altura viveu mais para a terra e para os seus conterrâneos do que para os seus ou para os seus negócios. Com lágrimas nos olhos pedia-nos há tempos, quando o fomos visitar, que não esquecêssemos a nossa terra e que lutássemos por ela tanto quanto pudéssemos.

Foi sem dúvida uma vida dedicada ao torrão natal que o viu nascer. Foi amado tanto quanto amou os fangueiros? Não nos parece. Tinha os seus contraditores. É dos vivos. Tinha porém os seus amigos indefectíveis. E foram esses amigos indefectíveis que o acompanharam na sexta-feira, à tarde à sua última morada. Foram muitos? Não todos. Apenas aqueles que tem a filantropia e a solidariedade em alto apreço. Faltaram ali muitos pobres de Fão, muitos desportistas, muitos habitantes do bairro.

Resta-lhe a consciência do dever cumprido e de se tornar um exemplo que os mais novos devem seguir.

FORMATURA EM DIREITO

Na Misericórdia Católica do Porto, terminou a sua licenciatura em Direito o nosso prezado conterrâneo Manuel José Torres da Fonseca (o Né para os amigos).

Ao saudarmos o novo dr., estendemos iguais parabéns para os felizes papás, dr.ª Rosa Torres e dr. Jutz Desembargador José Ramos da Fonseca.

Agora é que a vida vai começar a doer.

FALECIMENTO

No mês de Novembro faleceu num Hospital do Porto a nossa conterrânea Berta Anciães Monteiro Matos, de 65 anos. Tendo-se sentido incomodada, foi levada ao Hospital de Fão e depois ao Hospital de S. João. Infelizmente o mal era de morte.

A Bébé era natural de Fão e só quando o seu pai adquiriu uma farmácia em Esposende, a família passou para lá. Não se esquecia porém que era fangueira.

Foi grande lutadora política dentro dos ideais defendidos pelo velho Monteiro.

A toda a família e de um modo especial a seu marido António Matos, a expressão do nosso pesar.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE ESPOSENDE

Em festa... preocupante

«A Câmara vai ajudando a Associação Desportiva de Esposende. Mas Esposende tem que pensar o futebol que pretende. A Câmara já está a investir no desporto 10% das receitas mas todos nos devemos interrogar até onde se pode ir. Isto não pode viver de balões de oxigénio. Nem de meia dúzia de carolas que trabalham até à exaustão para arranjar o dinheiro necessário para pagar aos jogadores».

Estas palavras foram proferidas pelo Presidente da Câmara no jantar-convívio e de confraternização realizado na estalagem Zende para comemorar o 15.º aniversário da Associação Desportiva de Esposende, no dia 26 de Novembro.

O tom cinzento e algo patético da sua intervenção coincidiu com os testemunhos do Presidente da Comissão Administrativa dr. António Nogueira e do Secretário Geral. Ambos afirmaram que a Associação Desportiva não tem dinheiro, nem fontes de receita compensatória. As pessoas que mais poderiam auxiliar o Clube mantêm-se afastadas como se via naquela altura pela ausência de sócios influentes. Quem podia não aparecia. Como havia de ser? Esta pergunta ficou a pairar na atmosfera.

De qualquer modo o repasto decorreu com certa animação entre as cerca de duas centenas de pessoas presentes.

Exibiu-se o grupo de Cantares do Cávado sob a direcção da prof.ª Rosa Maria que apresentou e exibiu vários números de canções do seu repertório que é totalmente nacional. Vozes harmoniosas, suaves, bem trabalhadas e ensaiadas.

Também o Rancho folclórico Lavradeiras de Rio Tinto se exibiu a preceito com variadas e populares danças que afastaram da sala as nuvens de tristeza trazidas pelos discursos dos responsáveis.

A vida no final não era de desânimo. Era, sim, de esperança, esperança em melhores dias, esperança que apareçam mais boas vontades para que a cruz da Direcção seja suportada por mais directores e não apenas pela meia dúzia de sacrificados que compõem a actual Comissão Administrativa.



DE APÚLIA

FALECIMENTO — A notícia, inesperada e triste, caiu como uma bomba em Apúlia. E, como todas as más notícias, era verdadeira. Morreu o ANIBAL DA VINHA HIPÓLITO, um Homem que, sabemo-lo agora, era muito querido nesta terra, principalmente no lugar de Criaz, onde nasceu há 55 anos.

Na força da vida, que a abundância material não impedia de ser proffcua e multifacetada de projectos, de obras e de progresso, morreu em 22 de Novembro, na cidade de S. Paulo, Brasil, onde chegara uns dias antes, ido de Portugal.

Filho de gente de alguns «teres», muito novo emigrou para aquele país, onde já se encontravam os irmãos, Manuel e Alexandrino. Como eles, e fruto de muito trabalho, depressa atingiu um certo estatuto económico e social, que lhe possibilitava (e impunha) viagens constantes ao Brasil, onde tinha importantes investimentos. Mas a sua residência era em Portugal, e em Esposende. Aqui e em Apúlia, sua terra investiu muito dinheiro.

Haveria de morrer no Brasil, numa dessas viagens, a última e sem retorno. No Brasil que lhe deu quase tudo, mas que também lhe levou tudo...

Era o seu destino, e foi também o pagamento de uma dívida, no dizer dos versos do poeta, «eu pago à terra morrendo».

Veio a enterrar na terra mãe, em 25 de Novembro, no entardecer de um dia iluminado por um sol pálido de Inverno, com grande acompanhamento de amigos. Foi o regresso às origens, e a sua morada, para sempre, é agora no Cemitério de Apúlia.

Deixa viúva a Senhora D. Maria Elisabete de Lima Hipólito, e era pai de Rogério, Elisabete, Maria de Fátima e Vera Lima Hipólito.

Para todos aqui deixamos o nosso cartão de pesar.

NOVAMENTE A E.D.P. — No «Novo Fangueiro» de 10 de Outubro último, e com este título, cmamavamos a atenção da E.D.P. para o perigo que representavam alguns postes de iluminação pública em alguns locais da freguesia. Pois o seu Director-Geral de Distribuição do Norte, estava atento a essa chamada de atenção, e de imediato

segundo carta que nos enviou datada de 29 de Novembro, providenciou para a normalização dessas anomalias.

E fá-lo com palavras elogiosas e agradecidas ao Jornal por esse alerta.

Como não estamos muito habituados a tanta gentileza (e educação), daqui enviámos em nome de Apúlia o nosso obrigado à E.D.P. na pessoa do seu Director-Geral da Direcção Operacional de Distribuição Norte.

FUTEBOL — No principio, com os bons jogos e os bons resultados, foi a euforia e a satisfação. Por pouco tempo. Vieram as derrotas e os maus jogos, e com eles a desilusão, a tristeza, e as críticas (dos críticos do costume), o desalento. Passou a tempestade, e os bons jogos e os bons resultados, sobretudo estes, trouxeram a bonança. Já todos, jogadores, treinador, e dirigentes, são bestiais. Enquanto as coisas correrem bem...

É o sangue latino, que ferve e arrefece, que empolga e reduz, que amança e enfurece por «dá cá aquela palha». Não se desculpa os inevitáveis acidentes de percurso, como as lesões, os castigos, a falta de sorte, e, às vezes, até as más arbitragens. Nem se olha ao trabalho gratuito e desgastante dos Dirigentes em prol de uma causa que é de todos os apulienses, e não só deles.

No último jogo disputado em Apúlia com a equipa da vizinha Fão, verificou-se um empate a duas bolas, num espectáculo muito pobre, de ambas as equipas, apesar da rivalidade e da boa moldura humana.

O Fão e o Apúlia têm que jogar mais e melhor se quiserem continuar na 1.ª Divisão.

APÚLIA EM NOVEMBRO DE 1937 — Toma posse a nova Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, composta pelos Senhores António Fernandes Torres, eleitos em 10 de Outubro desse ano, em lista proposta pelos Senhores Adelino Gomes Torres, Regedor, Júlio Rodrigues Carvalho, Augusto Dias da Gorda e Adelino de Almeida Eiras, Vogais da Comissão Paroquial, e ainda por Manuel Lopes Cardoso, Professor Oficial nesta freguesia.

Dois pontos interessantes a reter; a posse foi conferida pelo regedor da freguesia, o que pres-

supõe ser figura importante no contexto político da época; e a lista proposta ter a aprovação do Vogal da União Nacional, local.

Os arquivos históricos, na sua frieza, são implacáveis.

RUA DO FACHO — Bastante melhorada em relação ao piso anterior, já está transitável a Rua do Facho, embora um pouco mais estreita em virtude dos passeios, uma inovação interessante e necessária.

OVERDOSE — O nome é feio é é geralmente aplicado para descrever ou noticiar situações e coisas muito tristes do quotidiano da vida, que vão minando (ou destruindo mesmo) parte de uma geração que não quiz ou não soube resistir ao «fascínio» duma experiência nova.

Mas a overdose de que queremos falar não é triste, pelo contrário até, é bonita, tem ritmo, tem cor e tem vida.

É a overdose dos comícios eleicoeiros, dos dísticos, dos retratos, das promessas dos feitos, dos defeitos e da música altissonante.

Foram as eleições e o seu significado, as caravanas ruidosas, a descida das pessoas importantes ao país real, a elevação do plástico a agente privilegiado da propaganda das «nossas» cores. Foi, enfim, a caça paciente ao voto.

Mas valeu a pena, para alguns. Agora é o desencanto dos «guerreiros». Mas por pouco tempo, porque as populações já não reivindicam, exigem.

E para o ano, em todos os anos até o ano 2000, há mais...

CANTINHO DO EMIGRANTE

DIRIGIDO PARA BRUXELAS AO LUIS (TUTA) FONSECA DA SILVA

Foi assim presado Armando, que há tempos atrás te escrevi para responder a uma carta da Cremilda (também Tuta), que mora em Porto Alegre, e procurava contacto com nosso Fão. E dessa carta surgiu o reencontro, depois de 65 anos que não nos víamos, desde a nossa infância. E falava-te por isso, do valor do nosso «O Novo Fangueiro», como porta voz entre os fangueiros espalhados por todo o nosso planeta.

Agora surge o Luis Tuta, um jovem tão fangueiro, que sente no estrangeiro as saudades da sua terra natal. O que talvez ele não saiba é a sua origem, e a vida levou-o, como a todos os demais que emigram, a ter que enfrentar fora do seu meio, as dificuldades para sobreviver. E como eu sinto como ele esse Amor a Fão, por certo decidi dar-lhe um pouco de alegria e ânimo, para prosseguir nas suas aspirações de manter a união dos fangueiros espalhados pelo mundo.

Como você Luis (com Tuta também), saí de Fão aos 9 anos, em 1927, com a 3.ª classe primária, que aprendi com a professora Palmira e as irmãs Vieira, todas de Esposende, mas que nunca me esqueci do nosso Fão. Aqui no Rio de Janeiro, quando tua mãe veio de Manaus, cheia de saudades do namorado que ficou em Fão, ficou na nossa casa com minha irmã Isolina, e também teu avô quando veio trabalhar em Petropolis. Hoje tenho 75 anos, e nestes últimos 20 anos fui a Fão 6 vezes, nu-

(Continua na pág. 7)

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777
4700 BRAGA

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

O CARTEIRO QUE TEMOS

Como todos verificamos o último «Novo Fangueiro» só chegou a casa dos assinantes no dia vinte e tantos. Vários factores trabalharam para essa demora. Por um lado a tipografia viu-se assoberbada com encomendas excepcionais. Depois a Binográfica despachou o Jornal para a Garagem Linhares do Porto. Infelizmente um dos motoristas levou-o para Esposende.

Isto parece anedótico, mas foi verdade. Já há tempos a mesma Impressora despachou a encomenda para a cidade do Porto, o motorista levou-a para a cidade Invicta e voltou com ela à Póvoa de Varzim.

Não pensem que isto é uma «galga». Foi o que realmente aconteceu.

Em seguida, isto é, depois do Jornal ter chegado ao Porto fixamos as direcções e no dia seguinte, ou seja, numa quarta-feira, pelas 15 horas da tarde deixamos os jornais na Estação dos C.T.T. em Fão. Apesar disso, o respectivo carteiro, que não conhecemos, não entregou os jornais nem quinta nem sexta-feira. Pelos vistos guardou-os muito bem guardadinhos e só fez a sua entrega na semana seguinte.

Não há dúvida que são só ajudas... Fão não tem o carteiro que merece. Dizem-nos até que há uma norma dos C.T.T. onde se pede prioridade de entrega aos jornais. Há certa lógica nesta exigência. É que por vezes as publicações trazem anúncios que perdem a sua validade se não saírem em certas datas.

FÃO QUE FUTURO PARA FÃO? UMA DISCUSSÃO INCONCLUSIVA

Árvore das patacas, suspiros de saudosismo, farras dos bons velhos tempos, desertificação da vila, falta de desenvolvimento cultural, velhice precoce da população, o teatro de revista, as soluções para fixar, localmente, a juventude fanguieira, deveriam ser os termos de polémica e discussão entre três dos quatro candidatos à autarquia fanguieira.

O Prof. Joaquim Peixoto e o Dr. Armando Saraiva serviram de moderadores/inquiridores e, segundo informou o primeiro, foi combinado um debate sobre temas de âmbito cultural. Aproveitou, então, para ter um preâmbulo, tendo invocado, e bem, o passado brilhante da sociedade fanguieira. Fez crítica construtiva relacionada com «alguns falhanços» do meio urbano, incluindo as comissões de festas e à falta de elementos para Confrarias e aludiu, com oportunidade, ao baixo nível de desenvolvimento cultural no tempo presente.

Sobre a matéria cultural, o Dr. José Cândido Viana Novais, um dos candidatos presentes, respondeu da forma mais correcta: «tudo passa pela Escola e pelas reformas do ensino». E condenou a localização da Escola C + S, «mais vocacionada para Fão». Cabe-nos recordar: quem era «o braço direito da presidente» e que deixou passar tão importante melhoria? A bater o pé! E sobre esta matéria, ficou tudo por esclarecer.

O técnico de hotelaria, João Luis, lembrou as potencialidades turísticas da região e a falta de apoios, apesar dos 130 mil contos de IVA cobrados. E afirmou: «deste valor Fão recebeu zero! Vila Turística: zero! E não concorda que a autarquia venha a accionar as futuras actividades culturais. Mas, Luis Viana, outro dos três candidatos presentes, tentou falar sobre ecologia. Ecologia! Porquê, então, a destruição das defesas do património natural da Bonança! Água de qualidade? O Prof. Joaquim Peixoto respondeu: «há quatro anos tivemos água salgada nos canos durante longo tempo... Má qualidade foi nessa época!»

À questão posta pelo Dr. Armando Saraiva, «Fão depende das entidades ou dos fanguieiros» apontou o risco de Fão ficar deserto quando longos anos liderou o urbanismo, a cultura e a sociedade do concelho, mesmo depois de secar a árvore das patacas. Isto significa que o panorama daquilo que seria um debate político-partidário, foi inconclusivo, foi um fiasco, levou ao desinteresse da assis-



stand porto

J. SÁ PEREIRA



COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS
NOVOS E SEMI-NOVOS (C/ GARANTIA)

QUALIDADE • PREÇO • CORTESIA • PRESTÍGIO

R. JOAQUIM ANTÓNIO AGUIAR, 87-95 — TELEFS.: 567465-5104988
FAX 567465 — PORTO

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Neste mês em que se festeja o nascimento de um menino muito especial, o Menino-Deus, os nossos votos de ventura e bons resultados escolares para todos. E, claro, que a saúde não falte. Hoje contamos com mais uma colaboração, a do senhor Altamiro Almeida Marques que, embora já não tendo propriamente a vossa idade, é autor de uns contos jovens, que de certeza vos irão agradar.

O JOÃO

Por ALTAMIRO ALMEIDA MARQUES

O João vivia nos arredores da cidade, num sítio muito cinzento e triste. Não tinha jardins e existiam muitas fábricas à volta da sua casa. Havia um pequeno rio, mas as águas eram pretas, cheias de espuma e de porcaria. O pai contara-lhe que aquele local, dantes, era lindo, todo cheio de campos verdejantes e que o rio também era muito bonito, cheio de peixes e de água cristalina.

Um dia, o João foi com os pais visitar o tio Francisco e a tia Antónia. Como estava em férias, o João ficou uma semana na casa dos tios e passava o tempo a brincar com os primos. A Mimi tinha a sua idade e o primo Zé era mais velho apenas dois anos.

A casa dos tios era grande e tinha muitas coisas. De tudo quanto viu, havia uma coisa de vidro, a que os primos chamavam aquário e que era ainda mais bonita do que a televisão a côres. A caixa era grande, tinha água muito transparente e estava toda cheia de plantas aquáticas e principalmente de peixes de côres muito vivas e de todos os feitios. O Aquário tornou-se o encanto do João, que delirava, quando via os primos darem comida aos peixes. Estes tinham nomes muito esquisitos; eram os beijadores, os escalares, os limpa-fundos, o tubarão de cauda vermelha, etc. Para comer, juntavam-se todos à tona da água e até pegavam ao barulho uns com os outros, justamente como as galinhas que a mãe tinha no capoeiro, quando lhes dava milho.

Um dia o tio Francisco explicou-lhe o que era um aquário, e disse-lhe que os peixes eram tropicais, oriundos de países mais quentes do que o nosso. Explicou também que os peixes precisavam das plantas e as plantas dos peixes e que as pedras que estavam pousadas na areia do fundo tinham buracos, para os peixes se esconderem, quando assustados. Mostrou seguidamente uns aparelhos muito esquisitos, ligados à electricidade, dizendo-lhe que um se destinava a manter a água quente e que o outro era um vibrador. Este último, era uma maquina ligada a uns tubinhos de plástico, que metiam ar no aquário, para o filtro poder trabalhar e manter a água sempre limpa. Estava também ligado a uma bolinha de porcelana, cheia de furinhos, por onde saíam muitas bolhinhas de ar.

(Continua)

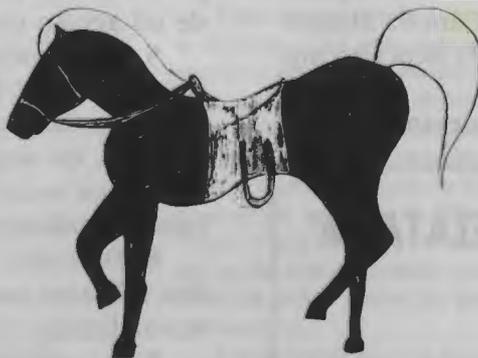
AS PALAVRAS ESTÃO LONGE DO CORAÇÃO

*Ao lado, a chuva caía.
E sob esse tecto de cimento,
Esquecidos do frio,
Ficamos um instante,
A olhar-nos.*

*O mundo estava parado.
O tempo não existia,
Nem as palavras.
Só os olhos
E os sentimentos que eles trocavam*

*Me deixaram entender-te um pouco.
Mas o mundo mexeu-se,
O tempo voltou,
E os olhos separaram-se
Para dar lugar às palavras
Na frieza de um curto adeus.*

MARTA MARIZ MENDES
(17 anos)



Desenho de MARILIA

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus 

PAUSA PARA SORRIR

Na escola. Os alunos de certa turma estão a fazer teste. Uma das perguntas era: — «Quem descobriu a América?»

Um dos alunos dava voltas à memória, mas não conseguia lembrar-se, por mais que se esforçasse.

A certa altura, o professor afastou-se para o outro lado da sala e ele aproveitou para se curvar na carteira e fazer a pergunta ao ouvido do colega que estava à sua frente.

Este, respondeu rapidamente:

— Foi Cristóvão Colombo!

O aluno em dificuldades, interpretou mal a resposta e julgou que o colega lhe tinha dito «Cristóvão c'o lombo».

Então, para não pôr igual à do colega, não fosse o professor desconfiar, escreveu assim a resposta:

«Foi Cristóvão c'o as costas»!...

★

Um homem casou com uma mulher muito rebelde, de muito mau génio. Desconsolado, um dia, ele lembrou-lhe:

— Mas lembra-te, mulher, que, na Igreja, quando casámos, tu prometeste-me obediência...

— Claro! — respondeu ela toda irritada. — Querias que fizesse logo ali uma zaragata à frente do Padre?

ALÉM DE MIM

*Galopante rasga a terra,
Corre o rio a navegar.
Rompe do alto da serra
Apressando-se para o mar.*

*No mar enfim extravaza
Soltando nele os seus braços.
Repousa então e descansa
Do embalo dos seus passos.*

*Quem me dera ser o rio!
Tanta força o faz voar!
Sinto-me só e vazio
Do abraço do rio ao mar.*

JOSÉ MIGUEL

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ESTACIONAMENTO ABUSIVO DE VEÍCULOS MOTORIZADOS



ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

Considerando que o aumento da densidade do parque de veículos motorizados, com a consequente rarefacção do espaço solicitado pelas necessidades de circulação e estacionamento, em especial nos centros urbanos, bem como a tendência cada vez mais acentuada para abandonar veículos na via pública que são causa de situações perniciosas que requerem a pronta e eficaz intervenção desta Câmara Municipal;

Considerando, ainda, que aquele estacionamento abusivo constitui, por vezes, evidente perigo ou grave perturbação para o trânsito.

TORNA PÚBLICO, que a Câmara Municipal, no uso das competências que lhe são conferidas pelo Decreto-Lei n.º 57/76, de 22 de Janeiro, irá proceder, à identificação de todos os veículos motorizados abusivamente estacionados no Concelho de Esposende, com vista à sua remoção para depósito camarário, ficando da inteira responsabilidade dos respectivos proprietários as despesas inerentes à remoção e depósito daqueles veículos, sem prejuízo das sanções legais aplicáveis.

Assim, convidam-se todos os proprietários de veículos motorizados, abusivamente estacionados na via pública e/ou estacionados em infracção, no Concelho de Esposende, a procederem à imediata remoção daqueles veículos, para o local adequado, sendo-lhes concedido um prazo de 15 dias para o efeito, contados da data da publicação do presente edital, findos os quais, verificando-se o procedimento legal, a Câmara Municipal procederá à sua imediata remoção para depósito municipal.

Para os efeitos acima previstos, consideram-se veícu-

los motorizados abusivamente estacionados, aqueles que se encontrem nas situações previstas no art. 1.º do diploma legal acima referido, com as devidas adaptações às realidades deste Concelho.

Ou seja:

1. O que, em local com tempo de estacionamento especialmente limitado, se mantiver por período superior a 48 horas, salvo se estacionarem em parques a esse fim destinados;

2. O de reboques e semi-reboques e o de veículos públicos que permaneçam no mesmo local por tempo superior a 48 horas, salvo se estacionarem em parques a esse fim destinados;

3. O que se verifique por tempo superior a 48 horas, quando se trate de veículos que apresentem sinais exteriores evidentes de impossibilidade de se deslocarem com segurança pelos seus próprios meios;

4. O que se prolongue por mais de 6 dias consecutivos em qualquer local, apresentando o veículo sinais evidentes de abandono.

Para os efeitos previstos, entende-se, ainda, que constituem evidente perigo ou grave perturbação para o trânsito, além de outros, os seguintes casos de estacionamento:

1. Em locais de paragens dos veículos de transporte colectivo de passageiros;

2. Em passagens assinaladas para travessia de peões;

3. Na faixa de rodagem, sem ser junto da berma ou passeio;

4. Impedindo o acesso de veículos ou peões às propriedades ou locais de estacionamento, nos locais por onde tal acesso efectivamente se pratica;

5. Impedindo a formação de uma ou duas filas de trânsito, conforme este se faça num ou dois sentidos;

6. Nas faixas de rodagem paralelamente ao bordo das mesmas, em segunda fila;

7. Nos locais em que tal impeça o acesso a outros veículos devidamente estacionados ou a saída destes;

8. De noite, na faixa de rodagem, fora das localidades, salvo em caso de imobilização por avaria devidamente sinalizada.

Para constar e devidos efeitos, para que ninguém possa alegar desconhecimento, se publica o presente edital e outros de igual teor, nos lugares públicos do costume.

Esposende e paços do Município, 17 de Novembro de 1993.

O Presidente da Câmara,

Alberto Queiroga Figueiredo

PIZZERIA – CREPERIA – GELATARIA

One Way

**TAKE AWAY – ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO
ENTREGA EM 30 MINUTOS**

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE – TELEF. (053) 961566

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO
DE HABITAÇÃO SOCIAL,
A CUSTOS CONTROLADOS,
NA FREGUESIA DE FÃO

ANÚNCIO

A Câmara Municipal de Esposende, nos termos do Programa de Concurso, aprovado em reunião do Executivo Municipal, de 25/10/93, abre concurso para atribuição de 39 fogos, situados na Urbanização de Fão, de acordo com as seguintes condições:

1. Entidade que presiden ao concurso: Câmara Municipal de Esposende;
2. Localização do empreendimento: Lugar da Barrosa, Fão;
3. Número de fogos: 39;
4. Tipologias disponíveis: T2 - 13; T3A - 13; T3B - 13;
5. Tipo de contrato a celebrar: compra e venda;
6. Local onde podem ser examinados os elementos patenteados a concurso: Sector de expediente e Informação — Divisão Adminis-

trativa e Financeira da Câmara Municipal;

7. A data de Dezembro de 1993 (20 dias úteis), até às 16 horas;

8. As candidaturas admitidas serão válidas por um período de 6 (seis) meses após a publicação das listas definitivas dos candidatos admitidos;

9. Os critérios de apreciação e de preferência, em caso de igualdade, são os expressos no Programa de Concurso para Habitação social, aprovado pela Câmara Municipal e referido no ponto 1;

10. Preço dos fogos, identificados e apoia à venda:

Tip.	N.º de Fogos	Área (m2)	Preço de Venda	Apoio à Venda	
				15%	30%
T2	13	88,8	6.525 c	5.546,25 c	4.567,5 c
T3A	13	101,2	7.470 c	6.349,5 c	5.229 c
T3B	13	107,75	7.890 c	6.706,5 c	5.523 c

11. A apresentação das candidaturas será efectuada na Câmara Municipal — Sector de expediente e Informação/Divisão Administrativa e Financeira.

Esposende e Paços do Município, 15 de Novembro de 1993.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

A NECESSIDADE DA ARTE

(Continuado da pág. 8)

Assim, à medida que vamos analisando os objectos artísticos, vamos conhecendo, não só factos do passado, mas também a mentalidade de pessoas que viveram em épocas afastadas da nossa (até milénios), mas que, afinal, com as suas angústias e incertezas, com os seus medos e esperanças, não foram assim tão diferentes de nós.

Maria Emília C. Real

CANTINHO DO EMIGRANTE

(Continuado da pág. 3)

ma média de 3 em 3 anos. E numa dessas viagens reví tua mãe Zaida, já que com a tua avó Adelina e tuas tias e demais familiares, falamos sempre. Só que não sabia da tua existência, como de outros mais, com certeza.

Uma coisa posso te adiantar, eu fiz uma «Árvore Geneológica» das Tutas, e dei uma cópia para cada um dos que encontrei, inclusive tua avó Adelina, e muitos deles nem sabiam de seu parentesco. Sem dúvida vais querer uma, e agora tens essa possibilidade, que terei o prazer de te enviar.

E assim podes ver como é importante o nosso jornal de Fão, e o que ele pode realizar e mostrar a origem e a história esquecida, como o Saraiva mostra no Perfil do Sr. Manuel José Magalhães, e lembra os nomes ilustres do passado de Fão, como Amorim Campos, dos Viegas, Moreira Pinto, Mariz, Gaifem, etc, etc, mas que antes existiram outros, e que no futuro, os de hoje não serão conhecidos, se não houver pessoas que se preocupem em saber como foi antes, e não se interessem em fazer uma União permanente...

Antigamente isso era mais difícil, porque o «mensageiro» levava meses ou anos, para levar uma notícia a alguém. Hoje existe um telefone no bolso, onde podemos nos comunicar com quem quisermos, estejam onde estiverem, bastando para isso que haja vontade.

E assim sendo, com o meu braço fraterno, do amigo, fangueiro, Tuta e parente, o meu endereço:

Amandio da Costa Caramalho
Avenida Itaoca - 339 - 1.º
Bonsucesso - Rio de Janeiro
21061-020 - Brasil
Tel. - (021) - 230 - 9026

Dicionários EDITORA

A vossa colecção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como da especialidade. Enriquelço não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
BVP L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

ROTARY DE ESPOSENDE AJUDA MOÇAMBIQUE

No passado dia 20 de Novembro realizou-se no Salão Paroquial de Esposende uma passagem de modelos a favor das crianças da rua, da Beira - Moçambique, que constituiu um êxito. Esse êxito foi tanto a nível artístico como a nível monetário. Não era qualquer entidade que se lembraria de um festival de modas para arranjar meios de suavizar a vida desumanizada das crianças de Moçambique. Ousou fazê-lo o Presidente do Rotary de Esposende e não podia ter sido melhor sucedido.

A notícia chegou aos ouvidos dos rotários locais como aos ouvidos de todo o mundo. Na terra martirizada da Beira-Moçambique havia crianças aos montes que sofriam os horrores da seca, da guerra, da orfanidade. Urgia, pois, fazer qualquer coisa.



Baileirinos de fina água

Essa qualquer coisa não era o acto de tirar dinheiro da carteira. Essa não é propriamente a função ou a filosofia do Rotary, assim pensou o eng.º Adelino Marques. O dinheiro seria oferecido pelas várias pessoas, que não só os rotários, a troco de qualquer coisa. Mas que coisa? Ora, uma passagem de modelos, por exemplo. Iria resultar? Dependeria de quem promovesse o sarão. Consensualmente foi ganhando letra de forma o nome da Prof.ª Ana Maria (Pieira). Além de ser esposa de um rotário (João Francisco Domingues), está ligada às confecções (tem loja, tem fábrica) e também à música através de duas filhas inscritas no ballet cuja carreira acompanha com interesse e nostalgia.

Assim germinou a ideia do espectáculo levado finalmente à cena na noite de 20 de Novembro, ao fim de um mês de ensaios, de incómodos, de aliciamento de pessoas, de ajudas variadas. Houve com efeito um coração de maravilhosa solidariedade. Mais de uma dúzia de casas de Esposende e Fão estiveram presente. Alunos e Professores da escola da sede n.º 1 deram o seu melhor. Crianças e responsáveis do Infantário «A Galvota» foram inextinguíveis. Depois, os figurinos, eles e elas, apresentaram-se com naturalidade, com galbardia, com desenvoltura. Aquilo não era gente «da pro-

víncia», não senhor. Denunciavam um «bábitat» das grandes urbes, embora fosse tudo prata da casa. O à vontade da gurizada foi empolgante.

As gentes de Esposende, os espectadores, estavam com bocas de pasmar. A música, clássica e modernista, ao mesmo tempo, «onomatopeica» (mais a luz que o som) era electrizante, contagiosa. Os corpos dos bailarinos, a inefabilidade das sugestões, a leveza dos saltos, a desincorporação dos gestos, foram arrebatadores.

Tudo foi superado. As pessoas vieram sobretudo trazer o seu óbolo. Iam no entanto «suportar» uma passagem de modelos. Paciência. Só que a passagem, por si mesma foi espectacular. Galvanizante. Depois foi a música, depois o ballet, a coreografia, os jogos de luzes, as sombras e sempre a música. Enfim, um bom espectáculo, uma inesquecível noite de arte.

Parabéns, Ana maria (Pieira)! Parabéns, caro Presidente Adelino Marques; uma surpresa permanente!

FÃO

(Continuado da pág. 4)

tência que teve de entrar em diálogo por falta de capacidade de resposta dos inquiridos às questões levantadas pelos moderadores/inquiridores. De resto, recorda-se, a organização tinha um familiar na discussão e um dos moderadores faz parte da lista de outro dos candidatos. Por isso, se fosse pedido uma classificação, o Dr. Vinha Novais (soube pôr o dedo nas feridas do passado e do presente) teria nota positiva.

Sobre habitação social construída na periferia, turismo e o PDM, o Fão monumental e histórico, não deram nenhuma novidade pois, o GTL (Gabinete Técnico Local) já mostrou trabalho. E todos os candidatos passaram «a bola» à Cooperativa Cultural as futuras actividades fangueiras. Pudera! É mais cómodo e poderá resolver outros problemas...

Com a devida vénia transcrevemos este texto de «O Jornal de Esposende» uma vez que o Director de «O Novo Fangueiro» foi um dos intervenientes na cena e não quer ser juiz em causa própria.

A NECESSIDADE DA ARTE

Desde sempre, os povos sentiram necessidade de se manifestarem pela Arte.

As crenças, as guerras, as vitórias, os tempos felizes, as épocas de turbulência de cada sociedade, tudo se projecta na sua Arte.

Donde podemos concluir que os objectos artísticos são testemunhos históricos, testemunhos vivos de épocas já mortas, mas que de certo modo ainda «vivem» através do nosso interesse no seu estudo, da evocação que delas fizermos.

Nos períodos históricos mais longínquos, sem testemunhos escritos, só pelos testemunhos materiais podemos aperceber-nos do «milagre» da evolução do Homem, desde o seu aparecimento na terra: — sem utensílios nem roupas, sem armas nem abrigo, só e indefeso perante a ameaça de animais perigosos e de um clima adverso, à mercê das forças da Natureza, até se tornar de dominado em dominador; até usar e controlar o fogo; até fazer as suas sementeiras e edificar as suas casas; até apascentar os seus rebanhos; até criar os seus mitos e ritos — e, mais ainda — até originar a Arte..

O punhão, o propulsor, o machado de alvado, as «Vénus», a pintura rupestre, as antas, as ruínas castrejas, etc., são documentos nos quais «demos» essa primeira e extraordinária aventura do Homem. Ele superou as suas carências. Dominou o meio hostil, modificando-o. Foi esse, talvez, o seu maior triunfo de sempre.

Um outro aspecto da necessidade da Arte prende-se com o próprio Homem, enquanto possuidor de uma sensibilidade especial, de uma vocação que o leva a criar, a sentir a necessidade premente de concretizar essa vocação em objectos que, não sendo indispensáveis à sua subsistência, lhe proporcionam a satisfação de criar valores estéticos.

Podemos considerar ainda que o Artista projecta na obra de arte os seus sentimentos e emoções, e a influência do meio em que vive.

(Continua na pág. 7)



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 63 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO FEIJOEIRO

(Continuado do número anterior)

em terras frescas ou nas excessivamente tenazes é aconselhável a sementeira em linhas.

A semente deve ficar localizada a 7-10 cm, o que depende da textura e da humanidade natural da terra.

PONCINI, por seu turno, aconselha para as regiões produtoras de Itália as seguintes distâncias e modos de sementeira:

Feijão rasteiro: Covachos separados de 35 cm e 3-5 sementes por covacho, ou sementeira em linhas distanciadas de 40-60 cm com 5-10 cm de separação entre as plantas na mesma linha. São necessários 7 a 15 kg de semente por hectare.

Feijão de trepar: Sementeira em linhas espaçadas de 80 cm e 50 cm de distância entre as plantas na mesma linha.

Em várias regiões produtoras faz-se a pré-germinação das sementes o que se consegue facilmente envolvendo-as num pano que se mantém sempre humedecido e em ambiente tépido. Passados 2 a 4 dias as radículas começam a despontar e pode proceder-se então à sementeira.

6.4. Cuidados culturais

A germinação, que depende em larga medida da temperatura, verifica-se, em geral, 6 a 12 dias após a sementeira. Nos meses mais quentes pode ocorrer-se em 5 dias.

Os principais cuidados culturais constam de sachas, desbaste, amontoadas, mondas e regas. Por vezes praticam-se também a captação, cobertura do solo, adubação de cobertura e tutoramento.

Efectuam-se pelo menos duas *sachas*, com as finalidades de romper a crosta superficial, caso esta se tenha formado, promover o arejamento da camada superficial do solo e torná-la mais facilmente penetrável pela água. Promovem também a erradicação das ervas daninhas. As sachas são operações que devem ser realizadas com o maior cuidado para que as raízes não sejam danificadas. Como já referimos estes órgãos da planta têm o maior desenvolvimento relativamente perto da superfície. A primeira sacha terá lugar pouco após a germinação, quando as plantinhas tiverem desenvolvido 5-6 folhas. A segunda, que será efectuada duas ou três semanas após a primeira, pode ser um tanto mais funda.

O *desbaste*, quando necessário, é realizado na altura em que se procede à primeira sacha. Tem por objectivo a eliminação das plantinhas que se apresentam mais enfraquecidas.

A *amontoa* executa-se em geral quando as plantinhas atingem a altura de, aproximadamente, 15 cm. É aconselhável repetir esta prática no momento da floração.

As *mondas* são realizadas quando das sachas e, também, sempre que o desenvolvimento das ervas daninhas o justifique. Na cultura estreme do feijoeiro em grandes áreas dá bom resultado, e torna-se muitas vezes mais económica, a monda química. Segundo CERMEÑO, os herbicidas que melhores resultados têm dado na cultura do feijão, tanto ao ar li-

vre como em estufa, bem como as respectivas doses de emprego, são os seguintes:

PRODUTO	APRESENTAÇÃO	DOSE (LITROS/HA)
DCPA (CLORTAL)	Pó molhável	7 - 12
Dinitramina	Líquido emulsionável	2 - 2,5
EPTC (Eplan)	Líquido emulsionável	6,5 - 8
etalfuralina	Líquido emulsionável	3 - 3,5
Metabromurão	Pó molhável	2,7 - 5
Monolinurão	Pó molhável	1,5 - 6
Nitralina	Pó molhável	1 - 2,5
Propacloro	Pó molhável	7
Trialato	Líquido emulsionável	3 - 4
Trifluralina	Líquido emulsionável	1,5 - 2,5

Destes produtos, a trifluralina, o EPTC e o trialato usam-se em geral antes da sementeira. A etalfuralina, nitralina, DCPA, propacloro, monolinurão, metabromurão e dinitramina são para aplicação de pré-emetgência.

O uso da nitralina e do trialato deve rodear-se de precauções especiais para se evitarem acidentes. Os restantes não oferecem perigo, sendo suficientes os cuidados gerais preconizados para a manipulação de produtos químicos orgânicos.

As *regas*, desde que oportunas e com a quantidade de água suficiente, são sempre necessárias para a obtenção de boas produções de feijão verde ou de grão.

Devem ter-se em atenção os aspectos seguintes:

— As necessidades de água são maiores a partir da floração; as plantas novas necessitam de pouca humidade no solo.

— Nos períodos quentes e secos é aconselhável regar copiosamente, para que a frutificação não seja prejudicada.

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 5 000 000 0000000000 Reg. Com. Sítio n.º 1430

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



SISTEMA "TRAY-PACKING"



PRÉ-CALIBRADOR

SONDECA

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS BIOMÉDICAS — ESPECIALIDADE DE MEDICINA INTERNA

No dia 22 de Novembro prestou provas de doutoramento no Instituto Abel Salazar, Porto, o nosso bom amigo dr. Jorge Areias. A tese defendida tinha por título «Prevenção da Infecção Vírica b ou B-D do enxerto pela terapêutica com interferão recombinante Alfa antes da transplantação hepática».



O doutor Jorge Areias

Foram arguentes o Prof. Doutor Carneiro de Moura (Lisboa) e o Doutor Jean-Pierre Benhamon (Paris).



Os elementos do Júri com o novo doutorado

O novo doutor foi aprovado por unanimidade com distinção e louvor.

Para socego dos seus doentes, informamos que o doutor Jorge Areias continuará a dar consultas no Hospital de Fão.

PAGARAM A ASSINATURA

1990/91 — Carlos José Veloso P. Lacerda, Riba d'Ave, 2000\$00. 1990/91/92/93 — Eng.º Guido Freitas Rodrigues, Porto, 3000\$00. 1990/91/92/93/94 — Luís Gonzaga Eiras de Azevedo, Matosinhos, 5000\$00. 1991 — Dr. Norberto Manuel Pererira da Silva Mota, Fão, 1000\$00; D. Rosália Araújo Ferreira, Fão, 1000\$00. 1991/92 — D. M.ª José Borda, Fão, 1500\$00. 1992 — D. Maria Isabel da Costa Gonçalves, Porto, 750\$00.

«NAVEGABILIDADE DO RIO CÁVADO VISTA DE FÃO»

(Continuado da pág. 12)

ção de Madrid, de 1892, é referida a jangada da costa de Fão, para a apanha do sargaço.

Eis as suas medidas: 2,50x1,00x0,20.

Através de «as Barcas de passagem do Cávado, a jusante do Prado», da autoria de Adélio Marinho, de Macedo e José António Figueired, sabemos que havia 11 passagens entre a Barca do Lago e Ruães.

Assim de jusante para montante temos: Barca do Lago, Marachão, Pedreiras, Fornelos, barão Dourado, Vilar afurada, Quintão, S. Romão, Graça e Ruães.

Temos notícia do primeiro topónimo referente à passagem, já no século XIII.

Porém, voltamos a encontrá-la referenciada no séc. XVI, quando o rei D. Manuel I passou a caminho de Santiago de Compostela e depois em 1766, quando da implantação de um padrão, sobre a utilização da respectiva Barca, assim como em 1886.

A passagem de Vilar, vem já mencionada em 1697.

Este trabalho será complementado com um outro relativo a Esposende, a publicar no «Farol de Esposende».

OSCAR FANGUEIRO

AO MIQUELINO

*Que é feito de ti, caro Miquelino
Pois há muito tempo que não dás recado
Palavra de honra que eu não atino
Por que estás há tanto tempo calado*

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Campeonato da 1.ª Divisão de Braga

Últimos resultados: Merelinense, 7 - Fão, 0; Fão, 3 - Realense, 1; Gondifelos, 2 - Fão, 2; Fão, 1 - Aveleda, 1.

A culminar com uma grande goleada sofrida em Merelim, depois de um começo de época com resultados pouco animadores, toda a gente que gosta e acompanha o Clube, estaria a fazer contas em relação à prestação da equipa deste ano parecendo-lhe que este campeonato vai ser de sofrimento.

Também não duvidamos disso e todos vemos pensar que uma Direcção que toma conta do Clube em cima da hora tem que pagar um preço. As pessoas não devem esquecer isso. É que se vê obrigada a arranjar um plantel em cima do joelho. Claro que os melhores já há muito foram arrebanhados por outros clubes que se organizaram a tempo. A nossa tarefa principal é não descer de divisão e isso é pouco aliciente.

Por isso dizemos e afirmamos que os directores, treinador e atletas merecem a nossa compreensão e devem ter o nosso apoio.

Bem, os últimos resultados já foram positivos: duas vitórias em casa e um empate fora, quem é que quer mais?

O campo de jogos foi melhorado com um novo piso. Como choveu, quase ninguém se apercebeu do melhoramento.

PARA O BRASIL

Já retornaram ao Brasil, após uma estada de alguns meses, os nossos amigos Carlos Cardoso Salgado e esposa Idalina Cardoso Salgado. Apesar de haver uma promessa de só voltarem lá mais para a frente, esperamos tê-los de volta o mais breve possível. Aqui não há assaltos e a vida escorre tranquila. Voltem.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos
Baptizados
Aniversários

Reuniões de Empresas
Estágios Desportivos

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO - 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73
FAX 053 - 98 22 65



«NAVEGABILIDADE DO RIO CÁVADO VISTA DE FÃO»

Por ÓRCAR FANGUEIRO

Segundo Estrabão na sua Geografia, entre o rio Douro e o Lima, «vem outros rios». Não menciona o rio Cávado.

Em 1456 há notícia do assoreamento dos rios Lima e Ave, sem menção ao rio Cávado.

Só cerca de 1734, sabemos que Diogo Vilasboas Sampaio de Barcelos, informou o Contador de Argonte, para a execução das suas Memórias sobre o Arcebispado de Braga, o seguinte:

«No tempo de inverno podem muito bem navegar os barcos até Barcelos, como não há muitos anos navegação os de Fão, e chegavam até Villar de Frades, que fica huma légua acima de Barcelos para conduzirem vinhos e madeiras.

O género de embarcações em que navegação erão barcos grandes.

No tempo antigo, estando o rio sem pesqueiros, nem azenhas, estando o rio encanado, e ainda sem estar encanado, por ser então o rio mais fundo, em razão de haver menos areias, se podia navegar em barcos pequenos até à Furada (a cerca de 5 km de Braga)».

A 800 metros da foz do rio Cávado encontra-se a montante a localidade de Fão, que no séc. XIX operava na «pesca e navegação tendo hiatos que importão e exportão pela barra d'Esposende vários generos: sal importado, polvo vindo se Espanha e madeiras exportadas».

Os seus pescadores «usavam de caçar pescadas» no mar alto.

Junto à foz do rio e na sua margem direita, encontrava-se o porto de pesca marítimo e fluvial de Esposense.

Pelo inquérito que constitui as Memórias apresentadas à academia de Ciências, em 1792, sabemos que o rio era navegado por bateis e lanchas a partir das duas referidas localidades, em 1790.

Pelo Registo das Embarcações de 1830 constatamos também a existência da catraia ao lado destas embarcações.

★

Assim, Fão aparece com quatro lanchas, um batel, duas catraias e cinco barcos.

(Em separado apresentarei o meu trabalho sobre as suas tripulações).

Em 1839 é dado a conhecer que o rio Cávado «é navegável até à freguesia de Parelhal, na distância de légua e meia da sua foz», mas devido ao assoreamento, «torna-se difícil a navegação» (seg. Dr. Manuel Albino Penteadado Neiva).

Pelo mapa das construções navais mercantes nos portos do Reimo, no ano de 1855, vemos que foram construídos em Fão:

Brigue — Glória (de 217,21 ton.) pertencente a Joaquim Dias Barbosa Negreiros e cap. ou Mestre — Pedro Beato Gonçalves;

Hiate — Aveirense (de 95,5) pert. a

A. Viuva Barbosa & C.ª, por António da Costa Morgado;

Hiate — Conceição (de 54) pert a António Marques Padre, por António Marques Padre;

Hiate — S. Joaquim 1.º (de 91,82) pert. a Joaquim José da Costa Leite & C.ª, por António Francisco Pellica.

Pelo mapa da pesca nos portos do departamento marítimo do norte, referido ao ano de 1886, publicado no Estado actual das Pescas em Portugal, por A.A. Baldaque da Silva, em 1891 sabemos no rio Cávado esperavam 8 embarcações com 20 pescadores, que colhiam 4.500 kg de pescado.

Porém, na costa de Fão, iam à pesca 12 embarcações com 38 pescadores, colhendo 3.500 kg de peixe.

No parecer sobre a Organização do serviço de Pescas apresentado à Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1888 e referente a 1887, conhecemos a existência de 7 barcos e 28 pescadores em Fão.

Eis os restantes elementos descritos neste parecer:

RIO CÁVADO — Esposende e Fão em 1887

Pesca do alto		Costeira		Fluvial		Total	
Lanchas	Pesc.	Barços	Pesc.	Bateis	Pesc.	Emb.	Pesc.
13	200	40	160	8	16	61	376

Pesca fluvial

Anos	Lampreias	Mugens	Solhas
1885	72	554	500
1886	353	9.000	3.049

Pesca Marítima

	1885	1886
Sardinhas	22.000	45.000
Pescadas	15.263	10.270
Raias	2.700	70
Fanecas	2.514	2.069
Congros	200	91
Ruivos	960	—
Lagostas	13.100	29.700
Arolas	13.100	130

No quadro das embarcações regionais relativo aos finais do séc. XIX e primeira metade deste século, publicado «no crepúsculo das mesmas», por Octávio Lixa Filgueiras, temos as seguintes:

Canote ou batel — barco para pesca, sargaço e pilado, com as dimensões 4,15x1,68x0,54, tendo 2 proas, fundo

chato, casco de tabuado liso, vela bastarda, remos e leme;

Canote de popa aberta, idêntica à anterior, mas com a ré cortada e sem leme, governando com o remo.

Estas embarcações foram utilizadas quer em Fão, quer em Esposende.

Na foz do rio, foi utilizado outro Batel, como barco de carga, transporte e pesca, com as dimensões 5,68x1,64x0,40, tendo 2 proas, fundo chato, tabuado liso, leme, vela de espiça e remos, e sendo governado com vara.

No interior do rio, foi utilizada a «barca de passagem», com as medidas 5,80x2,86 (em média), de fundo chato, por vezes abandonado e ré cortada (alguns tinham proa cortada). Era governado a remos.

Enquanto os anteriores tinham uma equipagem de 2 homens, este apenas um.

Além destas, foram utilizadas outras embarcações comuns à Costa norte, que indicamos:

Lancha grande (13,60x3,40x1,25) com uma equipagem de 15 a 27 homens; Lancha pequena (11,80x3,45x1,25) com 8 a 16 homens.

Eram barcos de pesca da pescada.

Batel (9,45x2,50x1,30) com 7 a 15 homens, para a pesca da sardinha;

Catraia grande (7,50x2,70x1,03) com 7 a 15 homens, para a mesma pesca;

Catraia pequena (5,95x2,35x0,85) com 4 a 11 homens, para pesca terrenha;

Caíco (3,60x1,50x0,70) com 1 a 4 homens, para a pesca da faneca.

Todas estas embarcações tinham 2 proas, quilha, cascão de tabuado liso, vela bastarda, remos e leme.

Quer no último «trabalho» a que nos reportamos, quer no Catálogo da exposi-

(Continua na pág. 11)

O NOVO FANGUEIRO FÃO